

tía Juliay el escritor, y José Donoso con *La misteriosa desaparición de la Marquesita de Loria*, como un índice del dominante acercamiento de la literatura a la cultura de masas. El segundo, es mostrar el lugar que el grupo *McOndo* ocupa como epítome de ese largo proceso de integración de la cultura popular en la literatura latinoamericana. Es importante notar que, a diecisiete años de la primera edición de este texto, el grupo *McOndo* no se constituyó en un hito histórico. Aunque sí pueden verse en su literatura las discusiones de los noventa y el espacio global representado dentro de la ciudad.

La suma de estos ensayos esclarece los procesos literarios que mueven las fronteras culturales. Las reflexiones de Amar Sánchez presentan sólidas argumentaciones en la lectura de textos que usan y disfrutan de la originalidad popular. La autora encuentra textos que desmienten la despolitización de la literatura más consumida, y le otorga validez a las reivindicaciones y exigencias democráticas que en ellos pueden encontrarse. En este mundo polarizado, donde la aversión a la flexibilidad de pensamiento es moneda corriente, es estimulante leer estudios como éste de Amar Sánchez, que reflexionan sobre la forma en que tanto los medios, como el arte y la literatura nos afectan y cambian ideas y percepciones. Existe la necesidad de seguir explorando la relación tensionante entre culturas, y esperamos futuros trabajos que incluyan estudios sobre algunos de los innumerables escritores/as que en el siglo veintiuno usan estéticas urbanas y populares.

Gabriela Muniz  
Butler University

---

CHRISTOPHER DUNN. *Contracultura: Alternative Arts and Social Transformation in Authoritarian Brazil*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016. 256 pp. ISBN 978-1469628516.

Em 1964, o Brasil sofreu um golpe militar. A ditadura duraria mais de duas décadas, até 1985, quando o país finalmente voltou à democracia. O regime militar brasileiro não foi uma anomalia na América do Sul e sim parte de uma onda de governos autoritários que assolou a região a partir de 1954 (Paraguai) terminando em 1990 (Chile). Essas ditaduras afetaram não só a vida política de seus países, mas também tiveram impactos profundos na subjetividade individual, na sociabilidade e na produção cultural. Governos autoritários também impactaram como uma geração de jovens passou a ver o mundo e seu lugar nele. O livro de Christopher Dunn, *Counterculture: Alternative Arts and*

*Social Transformation in Authoritarian Brazil* (Contracultura: As Artes Alternativas e a Transformação Social no Brasil Autoritário) examina como o declínio dos projetos emancipatórios esquerdistas e a propagação de governos autoritários na América Latina moldaram os comportamentos de jovens brasileiros. Como tal, o livro serve como uma história alternativa do Brasil durante a ditadura militar, ao mesmo tempo que posiciona a sociedade e cultura brasileira dentro de um contexto global. *Contracultura* oferece uma discussão histórica aprofundada e realça aspectos menos conhecidos da contracultura brasileira. O livro será de interesse não somente para estudiosos da cultura e da história brasileira, mas também para leitores menos especializados, interessados na cultura e na sociedade brasileiras durante a década de 1970. As informações históricas serão especialmente úteis para os leitores que não estão muito familiarizados com a história do Brasil desse período. Já os acadêmicos que estudam o Brasil, sem dúvida, terão interesse na análise profunda que Dunn faz da contracultura brasileira.

Dunn considera como a contracultura desempenhou um papel oblíquo na resistência contra o regime militar brasileiro. Ao mesmo tempo, Dunn demonstra como a contracultura brasileira emergiu de uma conjuntura socioeconômica específica em vigor durante a ditadura militar. Ou seja, o livro mostra que os jovens, na sua maioria de classe média, que participaram das expressões contraculturais no Brasil, foram os beneficiários de um crescimento desse setor social, que foi acompanhado pelo florescimento do mercado de consumo nacional assim como da expansão do sistema universitário durante a ditadura. Estes fatores foram decisivos no surgimento da contracultura brasileira, ainda que esta se pareça contestar estas circunstâncias.

O livro de Dunn fornece ao leitor uma visão abrangente da contracultura brasileira e as múltiplas expressões artísticas associadas a ela. Como tal, a *Contracultura* destaca-se pelo rigor da pesquisa que sustenta o texto, sua amplitude temática, bem como sua legibilidade. Dunn baseia sua análise tanto historicamente quanto nas teorias da contracultura (Introdução). No entanto, apesar da grande quantidade de informações do livro, não se trata de uma leitura difícil. Dunn tem uma prosa elegante, concisa e envolvente e uma visão original.

*Contracultura* está organizado em cinco capítulos temáticos (além de um capítulo introdutório e um epílogo). Cada seção aborda diferentes facetas da contracultura brasileira, incluindo como a comunidade negra carioca vivenciou e produziu expressões contraculturais (Capítulo 4) e como a contracultura afetou construções de masculinidade (Capítulo 5). O primeiro capítulo, intitulado “Desbunde”, discute esse termo tipicamente brasileiro que conota a rejeição da sociedade burguesa e seus valores. Dunn interpreta a experiência do desbunde como um aspecto integral da subjetividade contracultural e sua resistência antiautoritária. A discussão sobre o desbunde destaca a dimensão íntima da oposição antiautoritária no Brasil, mostrando a importância das escolhas individuais como instrumentos de resistência. O capítulo 1, assim como o restante do

livro, é nuançado, prestando atenção a detalhes como opções de vestuário que muitas vezes simbolizam o repúdio à sociedade hegemônica e seus valores (estes estando, em geral, associados à ditadura).

No entanto, como Dunn habilmente aponta, a juventude contracultural não apenas desafiou as normas da burguesia, mas também contrariou muitas das expectativas da esquerda política brasileira. Os membros da contracultura brasileira concentraram-se em uma política do subjetivo e não em projetos de liberação nacional (ou internacional). Entretanto, como Dunn destaca no final do primeiro capítulo, a sensibilidade e as atitudes contraculturais acabariam por influenciar os movimentos sociais que lutaram pela transição democrática. A sensibilidade da contracultura também teve um profundo impacto sobre atitudes relativas à gênero e raça. Além do desbunde, que se manifesta de inúmeras formas, como por exemplo no uso de drogas para expandir a consciência, Dunn discute como a política pessoal da contracultura brasileira é visível em expressões culturais como artes plásticas, música e práticas religiosas de matriz africana, como o candôblé. *Contracultura* combina magistralmente os elementos subjetivos da contracultura com suas manifestações mais públicas, como por exemplo a efervescente imprensa alternativa do Rio de Janeiro, que comunicava sensibilidades contraculturais (ainda que fosse em parte marcadamente misógina).

O segundo capítulo dedica atenção especial às várias interpretações culturais que canalizaram a ideologia da contracultura. Dunn faz uma análise sofisticada e altamente informativa de diferentes expressões artísticas, como a arte vanguardista de Hélio Oiticá, a música dos tropicalistas e os filmes do cinema *udigrudi*. O livro habilmente mostra como uma estética de resistência lúdica, uma parte integral da contracultura, fundamenta essas várias expressões culturais. Ao mesmo tempo, *Contracultura* continuamente ancora as diferentes manifestações culturais dentro do contexto social e político da ditadura militar brasileira. O livro de Dunn realiza esse embasamento de forma engenhosa, evitando obviedades. Nos capítulos 3, 4 e 5, por exemplo, ele chama a atenção para a censura vigente durante regime militar ao discutir como alguns comportamentos geravam suspeitas nas autoridades militares, levando-as a monitorar determinados indivíduos como por exemplo o cantor Gilberto Gil. O terceiro capítulo mostra como partes da comunidade negra carioca usaram o soul, os bailes funk e a moda para criar uma expressão contracultural que, embora tivesse semelhanças com contracultura da classe média branca brasileira, também abordava a questão da discriminação racial. A contracultura negra desembocou no ativismo civil afro-brasileiro que ajudou a moldar a transição democrática. Da mesma forma, o capítulo 5, que foca em como a contracultura afetou a construção da masculinidade, destaca como a instabilidade dos paradigmas da masculinidade ajudaram a abrir um espaço para o ativismo pelos direitos LGBT no período da transição e pós-transição.

Além de investigar como a contracultura influenciou diversas expressões culturais e comportamentais no Brasil, *Contracultura* também examina como o fenômeno assumiu

diferentes expressões regionalmente. No capítulo 3, que aborda a “dinâmica regional” da contracultura (113), Dunn discute como a contracultura brasileira impactou o turismo no estado da Bahia. O capítulo destaca como o fluxo de jovens hippies mudou a paisagem social e econômica do litoral baiano, em particular, a capital do estado, Salvador, e o povoado de pescadores de Arembepe. Dunn revela como o departamento de turismo baiano capitalizou a imagem descontraída projetada por turistas contraculturais para atrair outros visitantes ao estado. Isso ao mesmo tempo que os órgãos estatais viam os jovens hippies com desconfiança. Como no capítulo 1, o terceiro capítulo também tem uma âncora cultural, desta vez a música dos Doces Bárbaros, que, segundo Dunn, serviu para estabelecer pontes entre a Bahia e o resto do Brasil, inserindo a cultura baiana dentro da cartografia simbólica do Brasil. O capítulo, bem como o resto do livro, é extensivamente pesquisado e lança nova luz sobre fenômenos sociais e culturais bem conhecidos. Essa é uma das contribuições mais significativas de *Contracultura* para o campo dos estudos culturais brasileiros – mostrar como mesmo durante um dos períodos mais repressivos da história brasileira recente, uma geração de jovens foi capaz de criar espaços (alternativos) de resistência. Essa resistência transformou a sociedade brasileira de forma duradoura.

Leila Lehnen  
*Brown University*

---

MIGUEL ARNEDO-GÓMEZ. *Uniting Blacks in a Raceless Nation: Blackness, Afro-Cuban Culture, and Mestizaje in the Prose and Poetry of Nicolás Guillén*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2016. 274 pp. ISBN 978-1-61148-758-9.

En la introducción de este estudio, el autor realiza una investigación sobre la poesía de Guillén desde los años 1930 hasta su muerte en 1989. Según Arnedo-Gómez, su objetivo es “proporcionar un examen crítico de la representación de los negros cubanos, la cultura afrocubana y la ideología cubana del Mestizaje en los escritos de Guillén antes de la revolución cubana” (xii). El autor también examina una variedad de evaluaciones críticas de la obra de Guillén y afirma que los marcos teóricos proporcionados por escritores como Ángel Rama y Cornejo Polar son centrales para este trabajo. En este estudio, Guillén es presentado como un hombre con una identidad